

[(1887), *Jornal do Commercio*, ano XXXIV, nº 9958, 11 de Fevereiro (Lisboa)]

XXV - COLONIZAÇÃO ⁽¹⁾. AS COLÓNIAS ALEMÃS NA ÁFRICA

M. Gabriel Marcel publica na *Revue Scientifique* última, um interessantíssimo artigo sobre a colonização alemã na África, que desejamos tornar conhecido dos nossos leitores, não nos movendo nisso mais do que o aproveitamento de um assunto interessante, e não o estabelecer nenhum paralelo nem o recordar nenhuma questão política.

M. Marcel não se deixa cegar pelo seu patriotismo. Começando por dizer que «não quisera encontrar exclusivamente do outro lado do Reno as qualidades de M. de Bismark», expõe desapassionadamente os motivos que levaram o chanceler a mudar de opinião, colonizando, e as aptidões incontestáveis que os alemães têm para colonizar.

Com efeito, a emigração alemã para os Estados Unidos, emigração enorme, terá inteiramente por fim a fusão do elemento alemão com o britânico, e a perda completa para a Alemanha, doutras tantas forças. Criar colónias, e desviar para elas toda essa corrente de emigração, seria o único meio de conservar ao império todas as suas forças. Outros motivos podem ter existido – serem as colónias necessárias para o entretenimento de uma marinha; a necessidade de desenvolver o comércio, fazendo-o irradiar de muitos pontos, etc.

Assim que a Alemanha teve a ideia de colonizar, toda a sua actividade, todo o seu espírito prático, se concentraram na direcção e progressos do movimento colonial. Fundou-se uma quantidade enorme de jornais e revistas, publicaram-se livros e cartas geográficas, com o fim exclusivo de espalhar nas camadas populares o conhecimento das regiões que iam sendo adquiridas, das suas necessidades e recursos. Organizaram-se imediatamente explorações por toda a parte onde flutuava a bandeira alemã, com o fim não só de reconhecer território e de conhecer as suas produções naturais, afim de saber fabricar e levar-lhes o que mais lhes conviesse, processo bem diferente, confessa M. Marcel, do que tem sido seguido pelos franceses, que quase nunca modificam os seus tecidos, medidas e padrões, conforme se dirigem ao Senegal, ao Cabo, ou à costa oriental da África.

Ao passo que estas publicações e observações dos exploradores se dirigiam especialmente à camada popular e aos industriais, publicações especiais, como a de Zoller, *Die deutschen Botschaften an der westafrikanischen Kuste*, dirigiam-se exclusivamente à classe dirigente, com estudos muito desenvolvidos e transcendentais sobre a colonização alemã.

⁽¹⁾ O artigo, cuja exposição vai ser o objecto da presente revista, vem publicado na *Revue Scientifique*, sob o título de classe – GEOGRAFIA. Fieis aos princípios estabelecidos na nossa primeira revista, *Como deve ser considerada a Geografia*, não podemos publicar a exposição desse artigo sob aquele mesmo título. Colónias e interesses coloniais podem tratar-se, com toda a vantagem, nas sociedades geográficas, mas são problemas sociológicos; há uma ciência superior abstracta, a sociologia, com um ramo onde a política carece de modo mais especial do estudo da influência dos meios e da aptidão para lhes resistir, do estudo das raças inferiores, dos seus costumes, dos seus sentimentos – a ciência de colonizar. É isto muito complexo e superior, para, na sistematização dos conhecimentos humanos ir, sem o carecer, colocar-se sob a rubrica de miscelâneas descritivas. Supondo, pois, que a ciência de colonizar é um ramo da sociologia, cuja realidade estão hoje vendo, como nunca, e algumas mesmo perto de mais, todas as potências da Europa – é sob essa rubrica que preferimos expor o artigo em questão.

«Menos preguiçosos e menos rotineiros, escreve M. Marcel, do que a maior parte dos nossos compatriotas, os industriais alemães interessaram-se por todos esses trabalhos e publicações. Eles compreenderam que o governo procurava abrir-lhes novos centros comerciais, criar novas indústrias, e alguns deles não hesitaram um instante em expedir para a África grossos carregamentos e representantes inteligentes, que, ao mesmo tempo que tratassem de dar saída às mercadorias, deviam informar-se rigorosamente dos recursos próprios de cada um desses países e dos meios de estender neles a influência alemã.

«A expansão colonial da Alemanha não podia ter sido mais rápida. Em alguns anos, esta nação soube assenhorear-se dos pontos da costa ocidental da África ainda não ocupados, e na costa oriental, ela possui hoje uma fila de território, que, partindo da altura de Madagáscar, se estende até ao cabo Guardafui, na entrada do Mar Vermelho. Toda a parte meridional da costa oriental está nas mãos da Inglaterra, que possui ainda as colónias do Cabo e do Natal, mas que esbarra nos estados fundados pelos *boers*; a parte central, salvo o país dos zulus, está em poder dos portugueses, enquanto que todo o resto da costa – e é a parte mais vantajosa, porque é a que está mais próxima dos Grandes Lagos e dos territórios mais férteis e mais povoados da África Equatorial – pertence à Alemanha».

A expansão colonial tornou-se hoje na Alemanha uma máxima de estado. É sobretudo ao lado dos ingleses que os alemães se estabelecem, fazendo-lhes uma concorrência, muitas vezes vitoriosa, e sempre para temer. Foram casas comerciais de Bremen e de Hamburgo que tomaram esta iniciativa, e, em 1883, havia já 13 vapores, que punham esta última cidade em comunicação directa com os portos africanos. Em 1881 havia em Lagos apenas 3 casas alemãs contra 19 casas inglesas; pois bem, a importação das mercadorias alemãs elevou-se a lb. 106.341, e a das inglesas não passou de lb. 160.487. Em toda a costa de África, entre Libéria e Namacualândia, a importação alemã elevou-se, em 1881-82, a 28.375.000 francos contra 32.625.000 francos de importação inglesa havendo alguns pontos em que a importação alemã era superior à inglesa.

Nesta data, porém, ainda se tratava de empresas meramente particulares, cada casa comercial trabalhava por sua própria conta. Sentiu-se a necessidade de reunir todas estas forças e dar-lhes uma direcção única, um impulso mais forte, fazê-las produzir o maior número possível de resultados. Fez-se-lhes saber que podiam contar com o auxílio do governo, e a casa Luderitz, de Bremen, comprou junto de Angra Pequena um território, igualando em extensão o Wuttemberg, o grão-ducado de Bade e a Alsácia Lorena. Quando a colónia do Cabo e a própria Inglaterra estranharam que uma casa alemã viesse estabelecer-se em territórios que ambas consideravam como o prolongamento natural da colónia do Cabo, o Sr. de Bismark, em 24 de Abril de 1884, fez a declaração seguinte: «Segundo as comunicações de M. Luderitz, as autoridades do Cabo duvidam que as aquisições por ele feitas ao norte do rio Orange possam reclamar a protecção da Alemanha. Declaramos, imediatamente, que tanto ele como os seus estabelecimentos estão sob a dependência do império.».

As possessões de Camarões ou Camerun, que são, ou serão, de uma importância capital pela sua posição, foram mesmo adquiridas pelo governo alemão, directamente, sem a intervenção de nenhuma casa comercial, se bem que há muitos anos houvesse um número considerável de feitorias alemãs, nas vizinhanças de Dahomé e particularmente no distrito de Togo.

A importação das colónias alemãs da costa ocidental foi a seguinte, nos quatro anos de 1882-85:

1882	8,6 milhões de marcos	
1883	9,2	»
1884.....	14,3	»
1885	12,8	»

O abaixamento no último ano traduz simplesmente um abaixamento geral no preço das mercadorias, pois, em questão de quantidade, a importação passou de 1884 a 1885, de 38,1 milhões de quilogramas a 11,7 milhões.

A exportação, para Hamburgo, foi, na mesma costa, de:

1883	44,277 toneladas brutas	
1884.....	53,150	»
1885	56,104	»

Os alemães dão, por ordem de importância, genebra, rum, carvão, sal, arroz, pólvora, licores e aguardentes, madeiras de construção; «espalham naqueles povos selvagens, diz M. Marcel, que não vê nisto uma grande prova do valor das teorias alemãs, os *benefícios* da civilização sob a forma de aguardentes falsificadas, de uniformes que já não se usam e de vidrilhos fora de moda». Em troca destes artigos recebem nozes oleaginosas, óleo de palma, marfim e cauchu.

Os alemães exploram também directamente as riquezas minerais e agrícolas do país. É assim que a exploração dos países dos Damara, dos Herero e dos Namácia, é partilhada por duas companhias. Uma delas, a Companhia da África Austral Ocidental, tem por fim principal a exploração das riquezas minerais do país; a outra, a Companhia Alemã da África Ocidental, propõe-se sobretudo o estabelecer colónias agrícolas.

Nem sempre são tão directos e immediatos os interesses que os alemães retiram das suas colónias; outros motivos, outra sorte de *civilização*, os prendem então ao negro território. Angra Pequena, por exemplo, é um território desolador; não há água, não há uma árvore, não há uma erva; tudo rochas nuas e estéreis. É porém a região em que os alemães se podem aclimar mais facilmente, em razão da benignidade do seu clima, da frescura motivada pelo ramo da Corrente Antártica que a banha.

Para a edificação de estabelecimentos marítimos de toda a sorte, de grandes depósitos de carvão, de fortificações, Angra Pequena tem para a Alemanha bastante importância. Se, em suma, estes territórios são pouco, não custam muito também, e, ocupados pela Alemanha, têm então esta importância máxima – impedir os ingleses de se estabelecerem aí, e serem, em caso de guerra, uma porta aberta sobre a colónia do Cabo.

Seria muito longo enumerarmos aqui com M. Marcel todas as possessões que os alemães têm hoje na África, segundo a carta recentemente publicada por M. W. Liebenow.

Se todas essas possessões estão solidamente constituídas, se é certo que a região dos Grandes Lagos é a mais importante da África, e que a Alemanha a domina, poder-se-á dizer que a África e o seu futuro estão nas mãos dos alemães.

A situação colonial da Alemanha é, diz M. Marcel, uma situação que interessa à Europa inteira, mas particularmente à Inglaterra, que vai ver fechar-se radicalmente o acesso dos Grandes Lagos e da África Central.

«Confiscando em seu proveito toda essa imensa extensão de costas, o império não terá a temer nenhum concorrente, que possa desviar em seu proveito uma parte do

importante tráfico, que não tardará a estabelecer-se com a região dos Grandes Lagos, uma das mais povoadas, das mais férteis e das mais ricas da África interior. Aí está o futuro, e é por milhões que se fará o comércio logo que se tenha domado certos povos belicosos, como os Massais e os Galas.».